

ESCRITA: UMA TRAJETÓRIA DESCONSTÍNUA

Nilcéia Valdati¹



Isso é literatura, quer dizer, fantasia, maluquice, lixo. A frase condena toda indagação literária e põe os autores de sobreaviso contra sua própria criação...

... Escrita nasce como uma alternativa para os descontentes com a enxurrada de informações, nem sempre corretas ou bem depuradas, que chegam através dos outros meios de comunicação...

... Nossas portas estão abertas para todos, principalmente aqueles que recusam a perspectiva de uma vida inteira de livros guardados na gaveta.²

Com esses ideais manifestários surge, em São Paulo, em 1975, a revista *Escríta*, no mesmo ano em que começa a publicação dos jornais *Versus* e *Movimento*. Autodenominada alternativa, circula até 1988 com várias alterações e alternâncias.

Desta forma, a linearidade não é fácil de ser encontrada neste periódico, que quebra constantemente sua trajetória. A partir dessas mudanças a revista pode ser dividida em três grandes fases, estabelecidas pelos seus desaparecimentos e seus retornos. A primeira delas vai do número 01 ao 27, 1975 a 1977. Neste período, ela se apresenta como *Escríta – revista mensal de literatura* e tem como editora *Vertente Editora Ltda*. Ainda em 1977, à revista são acrescentados dois desdobramentos: *Escríta/Livro* e *Escríta/Ensaio*. O primeiro, com a proposta de veicular a produção literária contemporânea, tem duração de dois números; o segundo, com a pretensão de “surprender o vazio” de publicações existentes na área das ciências humanas, publicando textos que revelem a “realidade brasileira”, desaparece em 1983, no 12º número.

Com a interrupção da revista por oito meses, em 1978, fica caracterizado o final dessa primeira fase. A partir de seu reaparecimento em 1979, a revista volta com um novo formato, livro, e com o nome de *Escríta – revista de literatura*, devido a uma

¹ Bolsista de Aperfeiçoamento – CNPq.

² NADER, Wladyr. *Escríta*, n.1, p.02.

mudança na periodicidade, sendo que nos números 28 e 29 a editora permanece a mesma, mas dos números 30 a 33 é editada pela *Editora e Livraria Escrita Ltda*.

Em 1983, instaura-se outra crise, a revista sai de circulação por mais três anos, para voltar em 1986, dando origem a uma terceira fase, que encerra, pelo menos até o momento, em 1988. *Escrita* retorna com a intenção de recuperar a primeira fase, por isso usa o antigo formato e nome, *Escrita – revista mensal de literatura*, mas no número 36 volta a ser *Escrita – revista de literatura*, pois os problemas quanto à periodicidade não são superados. Também, nesta fase ocorrem várias mudanças quanto às editoras. *Press Editorial Ltda*, *Cultura Escrita*, *ME,Tchê!*, *Livro Aberto* são nomes que assumem alternadamente e temporariamente a publicação de *Escrita*.

As variações vistas em *Escrita* parecem funcionar como estratégias para ganhar espaço no mercado: “todas as alterações tomadas são para manter a revista”³, constata o editor. Em todas as “Pautas”⁴ é possível ver o envolvimento da revista com o mercado: as dificuldades de distribuição, e a competitividade com outros meios de comunicação.

Se o grande problema da sobrevivência está relacionado ao mercado, a saída encontrada é envolver o leitor. São constantes as chamadas por assinaturas e de pedidos aos leitores para divulgação do periódico. Só a título de exemplificação, na “Pauta” do número 31, o editor Wladyr Nader se encarrega de mostrar a história da revista em termos de distribuição:

De outubro de 1975 a agosto de 1977 foi distribuída em bancas, mensalmente, nas maiores cidades brasileiras. Do nº 23 ao 27 só atingiu, através de bancas, São Paulo e Rio, o que levou muita gente a pensar que havia desaparecido. Nos últimos três números – 28, 29 e 30 – assumiu nova forma e passou a ser distribuída quase que exclusivamente em livrarias.

Dos mais de 15 mil exemplares mensais que alcançou nos dois primeiros anos de existência, a revista foi reduzindo sua tiragem na medida em que os pontos de venda também se reduziram. Das 2,3 mil bancas do princípio às poucas livrarias da atualidade, acabou se desgastando e disputando, com outras publicações da imprensa alternativa, o pequeno mercado que nos resta, resultado da política anticultural dos governantes, que não é de agora.⁵

A relação da revista com o mercado é constituída pela tensão entre esses dois pólos, revista e mercado, não opostos, mas sim interligados. Neste sentido, *Escrita* ao se propor como um veículo que tem como propósito pensar numa literatura “nacional”, na profissionalização do escritor e numa produção literária “nova”, pensa, em

³ NADER, Wladyr. *Escrita*, n. 03, p.02.

⁴ A “Pauta” é o título utilizado pela revista para a apresentação ou editorial.

⁵ NADER, Wladyr. *Escrita*, n. 31, p.02.

contrapartida, nas redes que envolvem o meio literário, não esquecendo o mercado editorial, que acaba por definir o quê e como a informação deve chegar ao público. Eis a tensão em *Escrita*: como ter aceitação no mercado sem perder de vista os seus objetivos?

Na verdade, o que se observa em *Escrita*, de maneira geral, é que ela pretende ser um veículo de resistência ao governo, à imprensa convencional, aos meios de comunicação de massa, à academia, funcionando como uma alternativa para os que desejam expor suas criações, opiniões e contestações,

Dentro dessa perspectiva, o que a revista apresenta? As matérias, em sua maioria, são poemas e ficções. Aparecem em seguida, por ordem quantitativa, resenhas, informes, ensaios, apresentações, entrevistas, cartas dos leitores, depoimentos, e, numa proporção bem menor, a revista publica correspondências literárias e reportagens.

Do que tratam essas matérias e quem as escreve? É a segunda pergunta que se coloca para melhor descrever o periódico. Dentro das ficções, que incluem fragmentos, diários e outros textos que muitas vezes parecem ultrapassar a fronteira do ficcional, os contos ocupam um espaço maior, que na primeira fase da revista têm seções pré-estabelecidas como os “Novos: Contos”, que publicam autores de “primeira viagem” e outros que já haviam estreado na carreira literária, como Roberto Drummond, Márcia Denser, Domingos Pellegrini. Outra seção é a do “Conto-notícia”, construído a partir de um fato real, que traz, por exemplo, como autora, numa de suas publicações, Maria Amélia Mello, ou ainda, a presença forte de contistas de língua espanhola, especialmente os consagrados pelo *boom* da narrativa latino-americana, como Sábato, Quiroga, Eduardo Galeano. Surgem também, principalmente na segunda e terceira fases, traduções como *O Morto* de Georges Bataille e, desde o início, publicações de fragmentos de romances, obras consagradas como *Os Bruzundangas*, de Lima Barreto, *Dona Guidinha do Poço*, de Manuel de Oliveira Paiva, e obras lançadas na época como, *Essa Terra*, de Antônio Torres, *A Festa*, de Ivan Ângelo, *Leão de Chácara, Malagueta, Perus e Bacanaço*, de João Antônio.

Nos poemas, a mesma estrutura permanece: há a presença de uma seção chamada “Novos: Poemas”, em que os autores, geralmente estudantes universitários da área de Letras ou Comunicação, são apresentados por notas que antecedem as publicações. As obras passam por concurso e seleção, com divulgação na revista de todos os participantes, vencedores, desclassificados e não-selecionados. Isso vale também para os contos e, na segunda e última fases da revista, para os ensaios. A revista

publica também, como novos poetas, Angela Mellin, Alice Ruiz, Adélia Prado; na segunda e terceira fases da revista, aparecem várias traduções, como as de José Paulo Paes dos poetas gregos, alguns poemas da antologia *Quingumbo – Nova Poesia Norte Americana*, que tem como tradutores Silviano Santiago, Lêdo Ivo, Olga Savary, João Cabral de Mello Neto e Flávio Moreira da Costa e também fragmentos de antologias nacionais como *Mulheres da vida*.

Nas resenhas, a maioria destinadas à literatura, aparecem, só para citar alguns exemplos, *Zero*, de Loyola, *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar, *26 Poetas Hoje*, antologia organizada por Heloísa Buarque de Hollanda, *A Guerra do Fim do Mundo*, de Mário Vargas Llosa, sendo que os resenhadores mais freqüentes são Hamilton Trevisan e Astolfo Araújo, membros da mesa de redação da revista, Y. Fujiyama e Moacir Amâncio. Durante um curto período, a revista cria um espaço para o leitor criticar as obras.

Nos ensaios, a literatura também é privilegiada em relação aos poucos que surgem de lingüística, educação e sociologia. Os ensaios ganham mais espaço na revista a partir da segunda fase, mas, mesmo assim, desde o início sempre tiveram a mesma intenção: criar polêmicas e desabafos. A briga dos Concretos em resposta ao artigo de Mário Chamie sobre *Xadrez de Estrelas*, de Haroldo de Campos, é um bom exemplo. Entram em discussão, ainda, o academicismo nas universidades e a falta de espaço para a produção literária recente, tanto nos meios acadêmicos quanto na imprensa.

Nos informes, circulam notícias a respeito de lançamentos, publicações, concursos, eventos culturais e divulgação da imprensa “nanica”, com a participação de correspondentes das várias regiões do país. Dentre eles estão Maria Amélia Mello, RJ, Caio Fernando Abreu, RS, Domingos Pellegrini, PR, Raimundo Caruso, SC, Luiz Fernando Emediato, MG.

As apresentações, em especial a “Pauta”, lugar que mostra a trajetória da revista e o que ela defende, é estruturada de forma a comportar diversos pequenos textos, sob responsabilidade do conselho editorial, composto por Wladyr Nader, editor, Astolfo Araújo e Hamilton Trevisan, redação, sendo que o único que permanece até o final é o editor. Ainda assinam a “Pauta” os colaboradores Moacir Amâncio, João Antônio, Antônio Torres, Maria Rita Kehl, Alberto Dines, Antônio Holfeldt. Juntamente com os textos dos editores e colaboradores, em algumas “Pautas” a revista reproduz pequenos

fragmentos de Antônio Candido, Érico Veríssimo, da Revista de Antropofagia por Freuderico.⁶

Tanto as entrevistas, quanto os depoimentos se preocupam em retratar a situação do “escritor brasileiro”. Qual seu papel dentro da sociedade e sua dificuldade em relação ao mercado editorial? Mafra Carbonieri, Roberto Drummond e Adelaide Carraro são alguns dos escritores entrevistados que dão depoimento à *Escrita*.

A seção “Cartas do leitor” é o local reservado a opiniões sobre a revista, com direito a resposta dos editores do periódico, que mostra a recepção da revista. Os leitores formam um grupo restrito, passando de simples leitores a colaboradores e mesmo correspondentes da revista, nas várias regiões do país. Dentro deste grupo, há alguns nomes que usam o espaço para contestar quando se sentem atacados, como Paulo Leminsky, Moacyr Scliar, Mário Chamie, Boris Schnaiderman.

A pequena quantidade de correspondências, aqui diferenciada das cartas dos leitores por se tratar de documentos que podem ser considerados textos literários, é destinada a reproduzir duas cartas de Guimarães Rosa a Osório de Castro e uma carta de Lima Barreto a Monteiro Lobato. Nas reportagens, entram o ensino de literatura, uma reportagem com presidiários sobre *Querô*, de Plínio Marcos, e o trabalho de Willi Bolle sobre Guimarães Rosa.

Escrita acaba, assim, por registrar duas décadas da história literária, a década de 70 e 80. Veículo que, apoiado nas idéias da imprensa alternativa, tentou sobreviver através da disputa, de igual para igual, com a tão combatida imprensa convencional e os meios de comunicação de massa, não privilegiando um grupo específico, pois há nela um eterno “entra e sai” de colaboradores, que a diferencia, como tantas outras revistas que existiram nessa época, das revistas modernistas por não se prender a um determinado projeto estético.

A revista deseja se estabelecer como um meio capaz de abrigar várias e variadas produções artísticas contemporâneas, usando, nas entrelinhas, um discurso pedagógico para chegar até as massas. Discurso que parece servir de mediador entre a alta cultura e a cultura de massa através da consolidação do mercado editorial.

Desta forma, as mudanças, na periodicidade, no formato, nas editoras, através das quais construi as três fases, não interferem nesse propósito, pelo contrário, servem

⁶ Segundo BOAVENTURA, Maria Eugenia (*A vanguarda antropofágica*. São Paulo: Ática, 1985), Freuderico é possivelmente um pseudônimo de Oswald de Andrade.

como constatação do que parece ter se tornado o objetivo principal da revista, manter-se no mercado.